

## A criança, a Bíblia e a história\*

Child, Bible and Story

Por Remí Klein\*\*

Doutor em Teologia

Professor da Faculdades EST

Professor da Universidade do Vale dos Sinos (UNISINOS)

remiklein@terra.com.br

### Resumo:

O tema deste texto é a narração de histórias bíblicas na perspectiva da criança, com enfoque especial em fundamentos e modelos narrativos, em busca de critérios e paradigmas para a prática narrativa de histórias bíblicas com crianças. Apresenta-se a narrativa como um gênero literário importante na Bíblia e a narração de histórias bíblicas, em especial com crianças, como uma atividade fundamental no processo de ensino-aprendizagem na fé, em famílias, escolas, comunidades e outros contextos de Educação Cristã. Descreve-se a atividade narrativa, outrossim, como um processo interdisciplinar com múltiplas dimensões que se interrelacionam profundamente, fornecendo dados e conceitos que ajudem a identificar os elementos constitutivos do processo narrativo. A partir de pesquisa bibliográfica, aponta-se a narração de histórias bíblicas como um princípio pedagógico, teológico e metodológico por excelência na Educação Cristã com crianças. Apresenta-se uma abordagem bíblico-teológica, enfocando a concepção de educação na fé que perpassa o Antigo e o Novo Testamentos, com destaque ao papel da narração de histórias neste processo educativo. A partir da relação entre criança, Bíblia e Teologia, indica-se possibilidades, desafios e implicações para a releitura bíblica e a narração de histórias bíblicas na perspectiva da criança.

### Palavras-chave:

Criança. Bíblia. História. Narração.

### Abstract:

The topic of this text is the telling of Bible stories in the perspective of children, with a special emphasis on foundations and narrative models, in the search for criteria and paradigms for the practice of telling Bible stories to children. The narrative is presented as an important literary genre in the Bible and the telling of Bible stories, especially to children, as a fundamental activity in the process of teaching and learning the faith in families, schools, congregations and other contexts of Christian Education. The narrative activity is described as an interdisciplinary process with multiple dimensions that are profoundly interrelated, providing data and concepts that help to identify the constitutive elements of the narrative process. On the basis of bibliographical research, the telling of Bible stories is shown to be a pedagogical, theological and methodological principle par excellence in Christian Education with children. This text presents a biblical-theological approach, focusing on the view of education in faith that pervades the Old and the New Testament, with an emphasis on the role of story telling in this educational process. On the basis of the relationship between child, Bible and theology, this article indicates possibilities, challenges and implications for the re-reading of the Bible and the telling of Bible stories in the child's perspective.

### Keywords:

Child. Bible. Story. Telling.

\* Artigo baseado no segundo capítulo da Dissertação de Mestrado: KLEIN, Remí. *A narração de histórias bíblicas na perspectiva da criança: fundamentos e modelos narrativos*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 1996. Na edição anterior, publicou-se uma abordagem pedagógica (A criança e a narração) e na próxima edição pretende-se publicar uma abordagem metodológica (Método em Educação Cristã e modelos narrativos) na sequência de três artigos adaptados da referida dissertação.

\*\* Doutor em Teologia na Área de Concentração de Religião e Educação, docente na Faculdades EST e na UNISINOS e integrante do Grupo de Pesquisa Currículo, Identidade Religiosa e Práxis Educativa. E-mail: remiklein@terra.com.br.

## Introdução

Ouvimos e aprendemos estas coisas que os nossos antepassados nos contaram. não as esconderemos de nossos filhos, mas falaremos aos nossos descendentes a respeito do poder do Deus Eterno, dos seus feitos poderosos e das coisas maravilhosas que fez.<sup>1</sup>

Na primeira parte, publicada na edição anterior, viu-se que a narração de histórias bíblicas tem uma dimensão pedagógica. Nesta parte, ver-se-á as suas dimensões bíblico-teológicas e hermenêuticas, visto que o objeto da narração de histórias bíblicas é a Palavra *de* Deus, testemunhada na Bíblia e em toda a pregação, em forma de palavra humana *sobre* Deus, como “tesouro em vasos de barro”.<sup>2</sup> Como toda pregação, também a narração de histórias bíblicas é Palavra de Deus *em* palavras humanas.<sup>3</sup>

Conforme Wanda Deifelt, o termo ‘dabar’, palavra em hebraico, é muito mais do que um enunciado fonético com alguma significação. Palavra na Bíblia não é mera palavra; é “palavração”, “palavra que faz acontecer”:

No Antigo Testamento, a palavra é sinônimo de poder, um poder transformador e reparador. [...] Deus “diz” e as coisas acontecem. [...] No Novo Testamento, a palavra é sinônimo de divindade. [...] o Logos (Verbo) se fez carne e habitou entre nós (João 1.14).<sup>4</sup>

Nas considerações bíblico-teológicas, partindo desta compreensão de Palavra de Deus, que é o objeto da narração de histórias bíblicas, pretende-se abordar a relação entre a criança, a Bíblia e a história. Para este estudo, opta-se pela exemplificação a partir de alguns temas e textos bíblicos, com destaque à narração no processo educativo entre o povo de Israel, no AT, e na

pedagogia de Jesus, no NT. A ênfase está em compreender o lugar da criança na Bíblia, a sua condição e situação, a sua significação e a sua participação na vida social e religiosa, com destaque à concepção de educação na fé que perpassa o Antigo e o Novo Testamentos e ao papel da narração de histórias neste processo educativo: Quem educava na fé? Quais eram os objetivos, os conteúdos, os lugares e as formas de educação na fé? A partir das considerações bíblico-teológicas, pretende-se abordar a questão da releitura bíblica sob a perspectiva da criança. Em termos hermenêuticos, busca-se o referido embasamento na leitura popular da Bíblia ou releitura bíblica latino-americana, com destaque à perspectiva da criança. Refere-se, para tal, contribuições de alguns biblistas brasileiros e latino-americanos como Carlos Mesters, Milton Schwantes, Nancy Cardoso Pereira, Wolfgang Gruen, Javier Saravia e José Severino Croatto.

## O papel da história no Antigo Testamento

A Bíblia fornece inúmeras referências quanto ao tema em estudo. Nela pode-se identificar a dimensão narrativa como princípio educativo, popular e libertador em Israel, no Antigo Testamento (AT), bem como a pedagogia narrativa na práxis de Jesus e na missão da Igreja, no Novo Testamento (NT). Veja-se, a seguir, comentários referentes a este tema, com base, sobretudo, em estudos bíblico-teológicos feitos e publicados no Brasil e na América Latina por Hans-Ruedi Weber, Matthias Preiswerk, Danilo Romeu Streck, Friedrich Erich Dobberahn e Ivo Storniolo, enfocando o processo educativo e o papel da criança e da história na Bíblia.

## O povo de Israel educava, narrando a história

O AT mostra exemplos privilegiados da narração como princípio educativo entre o povo de Israel, como se vê no Salmo 78.1-8. Neste processo de narrar a história sempre estava em jogo os pais contando aos filhos a experiência dos seus antepassados, conforme Deuteronômio 6.7, 20-25. A Bíblia veio a se constituir pela tradição oral de narrar a história de pais para filhos. Ela é a redação

<sup>1</sup> Salmo 78.3-4, conforme a Bíblia na Linguagem de Hoje.

<sup>2</sup> 2 Coríntios 4. 7.

<sup>3</sup> WOLFF, Hans Walter; MOLTMANN, Jürgen; BOHREN, Rudolf. *A Bíblia: Palavra de Deus ou palavra de homens?* São Leopoldo: Sinodal, 1970.

<sup>4</sup> DEIFELT, Wanda Palavras e outras palavras: a Teologia, as mulheres e o poder. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 36, n. 1, p. 7-8, jan./abr. 1996.

escrita de uma história, passada oralmente de geração em geração, narrando acontecimentos e experiências fundamentais, em forma de “consciência histórica ou memória ativa”.<sup>5</sup> Vê-se isto, por exemplo, em Deuteronômio 26.1-11, um dos mais importantes credos históricos. No referido relato, um israelita oferece a Deus os primeiros frutos da colheita e, para isso, relembra a história que deu origem e que dá sentido àquele ato.

Para o povo de Israel, na época do AT, não existia separação ou diferença entre educar para a vida e educar para a fé. A educação e a celebração, tanto de culto como de festa, estavam intrinsecamente relacionadas à história, como forma de reatualização e de participação da mesma, conforme se vê em Deuteronômio 5.3: “Não foi com nossos pais que fez o Senhor esta aliança, e, sim, conosco, todos os que hoje aqui estamos vivos”. Pela narração e pela celebração de culto e de festa os israelitas procuravam preservar uma memória ativa e consciente da história. Assim, a fé em Israel era algo eminentemente histórico, celebrativo, contextualizado, narrativo e testemunhal.

Por isso, os textos bíblicos são, acima de tudo, relatos ou histórias testemunhais de fatos concretos e de experiências de vida, à luz da fé, num processo dialético entre o agir de Deus e o reagir humano, de geração em geração, num resgate da memória e da consciência, como se vê no Salmo 78.3-4, já referido no início deste capítulo. Conforme Ivo Storniolo, o mistério central é “a presença e a ação de Deus, criando a realidade no espaço e dirigindo o processo histórico no tempo”.<sup>6</sup> Neste sentido, o povo de Israel educava, narrando a sua história, resgatando a memória do agir de Deus com seu povo e, assim, formando uma consciência histórica nas novas gerações.<sup>7</sup>

Pablo Richard aponta o povo pobre como o “lugar teológico” e resume da seguinte maneira a questão da memória histórica em relação à origem e à interpretação da Bíblia:

Os pobres são o autor humano da Bíblia e são eles, em última instância, que têm a chave de sua interpretação. A Bíblia pertence à memória histórica e subversiva dos pobres. Nas Igrejas devem eles apropriarem-se da Bíblia e lê-la a partir de sua própria história de lutas de libertação.<sup>8</sup>

O Antigo Testamento é essencialmente memória popular, composta por uma porção de histórias, passadas de geração em geração, por meio da tradição oral. Na vida do povo teve lugar o chamado “acontecimento fundante”. Martins Terra denomina estas histórias populares de “perícopes”.<sup>9</sup> Grande parte do material narrativo da Bíblia é constituído por estas “perícopes”.

A narrativa ocupa, pois, um lugar central na Bíblia, tanto em quantidade como em qualidade, tendo uma relação estreita com a história do povo, pois o grande tema da narrativa bíblica é a relação entre Deus e seu povo. Há uma tensão contínua entre a eleição/promessa de Deus e o cumprimento do povo. Israel narrava fundamentalmente a “sua” história porque assim queria expressar a sua fé em Javé, o Senhor da história. Para Israel, Deus tinha um projeto histórico libertador e o povo precisava “co-responder” à sua eleição. A sua concepção bíblica de tempo era linear: O mundo tem um começo e um fim, que se inscrevem na primeira e na última página do texto sagrado, surgindo, assim, um sentido histórico e uma “teologia da história” em Israel - uma história com Javé. Por isso, a narrativa bíblica está impregnada com um contínuo sentido de esperança na ação libertadora de Javé.

Há uma grande variedade de recursos e modelos narrativos nos relatos bíblicos. As principais formas em que se expressa a narrativa bíblica do AT são as lendas etiológicas, as lendas heroicas e a historiografia. As etiologias são os

<sup>5</sup> STORNILO, Ivo. Israel educa, contando a história. *Vida Pastoral*, jan./fev. 1982. p. 4.

<sup>6</sup> STORNILO, 1982, p. 6.

<sup>7</sup> SOUZA, Marcelo de Barros. *Nossos pais nos contaram*: nova leitura da história sagrada. Petrópolis: Vozes, 1984. O título desta obra de um biblista brasileiro aponta para a compreensão da Bíblia como produto de um processo de narração da história sagrada de pais para filhos.

<sup>8</sup> RICHARD, Pablo. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis: Vozes, n. 1, 1984. p. 20.

<sup>9</sup> TERRA, J. E. Martins. *Leitura da Bíblia na perspectiva do pobre*. São Paulo: Loyola, 1988. p. 23.

relatos das origens e estão contidas especialmente em Gênesis 1 a 11. As lendas heroicas nos apresentam a atuação de heróis, que atuam em favor do povo, em nome de Deus e guiados por ele. A rigor, não devem ser chamadas de “heroicas”, pois o centro do relato não é propriamente o herói, mas Deus que, por seu intermédio, age em favor do seu povo, como se vê, por exemplo, nos livros de Josué e Juízes. A historiografia israelita desenvolveu-se principalmente a partir da passagem da anfictionia para a criação do Estado, o que impulsionou o povo de Israel a refletir sobre sua origem histórica. Foi um fenômeno de secularização que não levou o povo, porém, a perder a fé em Javé, mas a vê-lo presente e atuante na vida profana, a nível dos acontecimentos que influenciavam a vida do povo, ou seja, na sua história. Como exemplo desta tensão e compreensão há o texto de 1 Samuel 8.10-18, que refere a opção do povo por um rei. Primordialmente, a fé em Israel estava baseada na história, sempre em obediência a Deus. Gradativamente, contudo, a religião de Israel perdeu esse contato estreito com a história e centrou sua relação com Javé na Lei, no Templo e no culto, perdendo seu dinamismo e sua autenticidade inicial.

Neste sentido, pode-se identificar a “história” como o “lugar da revelação”,<sup>10</sup> constituindo a historicidade o traço característico da revelação cristã e da Teologia Bíblica. Porém, apesar da Bíblia ser “revelação na história”, não se pode reduzir a sua interpretação à sua dimensão histórica. “A Bíblia não é apenas história, mas mensagem divina de salvação”.<sup>11</sup> A Escritura não consigna, portanto, apenas os fatos históricos, mas o seu conteúdo consiste em testemunhos e ensinamentos formulados por meio de palavras. Ela é Palavra de Deus em palavras humanas, abarcando duas realidades: os fatos e as palavras, sendo que o elemento formal da revelação é a “palavra”, conforme Martins Terra:

A intervenção salvadora de Deus fica velada no fato histórico. Para que haja re-revelação é

indispensável a mediação da “palavra”. [...] o elemento formal é a Palavra de Deus, e o material são suas intervenções na história. São as “palavras” que dão à revelação um valor meta-histórico.<sup>12</sup>

### A família narradora

Matthias Preiswerk, em seu livro *Educar en la palabra viva*, trata de perceber quem foram em Israel os agentes educativos no transcurso da história e quais foram suas principais características pedagógicas. Conforme Preiswerk,<sup>13</sup> no desenvolvimento histórico da educação em Israel encontramos uma constante teológica - Deus - que aparece em todas as suas manifestações, e outra constante sociológica - a família - que está presente em todas as formas estruturais e institucionais.

No AT, a constante teológica é que Deus era considerado como o principal e verdadeiro educador, como se vê, por exemplo, nos Salmos 71.17 e 143.10 ou em Jeremias 10.24. A educação de Deus para com seu povo assumia em um caráter de correção e se realizava de distintas maneiras: através dos acontecimentos históricos de libertação (Deuteronômio 11.2-7); através da Lei (Deuteronômio 4.36); através da destruição (Jeremias 32.32-33) e através do projeto escatológico e messiânico (Jeremias 31.33-34). Nesta descrição do processo educativo, no AT, chama a atenção que Deus educava a seu povo como um pai educa a seu filho (Deuteronômio 8.2-5 e Oséias 11.1-4).

A constante sociológica é que a família era a instituição educativa matriz e essencial no AT. Sua função se evidenciava em todas as épocas e etapas da vida de Israel. Sem a tarefa narrativa exercida pela família não se explicariam a continuidade e a fidelidade de Israel a suas tradições durante tantos séculos. Por isso, pode-se falar nesta dissertação em família narradora! Somente por volta do século II a.C. apareceu a sinagoga que teve igualmente em Israel um papel relevante no processo educativo, ao lado da família.

<sup>10</sup> TERRA, J. E. Martins. *Teologia Bíblica*. São Paulo: Loyola, 1976. p. 23.

<sup>11</sup> TERRA, 1976, p. 24.

<sup>12</sup> TERRA, 1976, p. 24.

<sup>13</sup> PREISWERK, Matthias. *Educar en la Palabra viva*. Lima: CELADEC, 1984. p. 52 ss.

No período anterior ao Exílio Babilônico (587 a.C.) e até o surgimento das sinagogas, não havia ainda escolas ou qualquer educação religiosa especialmente programada e adaptada para crianças em Israel. Elas aprendiam essencialmente através da convivência com seus pais. O único mandamento que determinava toda a vida das crianças e dos jovens era: “Honra a teu pai e a tua mãe” (Deuteronômio 20.12). Era grande a autoridade dos pais, vindo imediatamente abaixo da autoridade de Deus. Por isso, a educação era extremamente severa e autoritária. O verbo hebraico para educar significava, por um lado, instruir, mas, por outro lado, corrigir, disciplinar, chicotear, açoitar, punir (Deuteronômio 21. 18ss; Provérbios 13.24; 22.15 e 23.13).

Entre os judeus as crianças eram consideradas uma dádiva divina e uma bênção (Salmo 127.3-5 e Salmo 128.3s). Nisto se evidenciava, sobretudo, uma grande valorização da descendência, ancorada na fé em Javé. Mães de muitos filhos eram chamadas de bem-aventuradas (Gênesis 24.60), enquanto que a esterilidade era considerada uma maldição (1 Samuel 1). Leis e costumes especiais garantiam a continuidade das famílias (Deuteronômio 25.5-10). As crianças pequenas, fossem meninos ou meninas, faziam parte do povo. Já com oito dias de vida, os meninos eram circuncidados, para evidenciar, desta maneira, sua inclusão no povo e na comunidade cúltica e sua participação na aliança (Gênesis 17.12). A partir da mais tenra idade, as crianças participavam dos rituais religiosos familiares e das grandes celebrações da aliança. As crianças tinham o seu valor enquanto descendência, continuação do povo e da aliança. A preocupação era com a Torá e não com a criança. Por isso também a educação estava centrada na Torá e tinha nela suas motivações, seu fundamento, sua norma e seu conteúdo. A Torá tinha força de educação e o seu guardião no âmbito da vida diária era o pai de família. Era uma educação teocêntrica. “A educação humana representava nada mais do que a participação nesta educação divina”.<sup>14</sup> Porém, fora do contexto da aliança, da terra prometida e da Torá, as crianças

perdiam esta importância especial. Os israelitas não idealizavam as crianças, nem prestavam muita atenção à sua individualidade.<sup>15</sup>

Na escala de precedência, no âmbito do patriarcalismo judaico, a criança aparecia relacionada em último lugar, como posse do homem, junto com mulheres e crianças. Ela era socialmente submissa e serva, politicamente inexistente, religiosamente contada como descendente da raça e da aliança, psicologicamente sem particularidade, adulto em potencial, e educacionalmente receptáculo da Torá.<sup>16</sup>

A educação em geral e o ensinamento religioso em específico realizavam-se de forma autoritária (Provérbios 10.17; 13.1,13; 23.13s). Conforme Dobberahn, esta estrutura autoritária, tanto na sociedade quanto na família, levou a um subdesenvolvimento da personalidade e impossibilitou o processo conscientizador de entender-se como sujeito histórico.<sup>17</sup>

Para compreender a condição e a posição da criança no mundo judaico, deve-se lembrar que ela vivia no âmbito e na estrutura da família patriarcal. Tudo era visto sob a perspectiva do pai. Ele governava a esfera da casa, a “casa do pai”. O pai da família era o principal responsável pela educação de seus filhos. Cabia-lhe transmitir aos filhos homens sua profissão e as tradições de seu povo. A mãe também tinha uma função educativa, especialmente em relação às filhas, através de seus conselhos e de suas instruções, como se vê em Provérbios 1.8. Havia grande diferença entre a educação de meninos e de meninas, sendo os meninos sobretudo privilegiados nas famílias e na sociedade. As meninas ficavam sob a tutela das mães, que lhes ensinavam o que uma boa mulher

<sup>14</sup> WEBER, Hans-Ruedi. *Jesus e as crianças: subsídios bíblicos para estudo e pregação*. São Leopoldo: Sinodal, 1986. p. 38.

<sup>15</sup> WEBER., 1986, p. 10 ss. Apresenta um estudo detalhado sobre este tema, especialmente no tocante ao tratamento e à valorização dados à criança no mundo judaico e no mundo greco-romano na época de Jesus.

<sup>16</sup> HEINZELMANN, Marco Antônio da Silva. *Jesus e as crianças: uma abordagem de Mc 9.33-37*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 1994. s. p.

<sup>17</sup> DOBBERAHN, Friedrich Erich. *Educação bancária ou educação libertadora?*. Educação e pedagogia no Antigo Testamento. São Leopoldo: Setor de Publicações da EST, 1991. p. 18.

deveria saber para a sua futura função de esposas e mães (Provérbios 31.10ss).

A educação em Israel, na época do AT, dava-se essencialmente pela convivência entre as gerações, na família, onde a narração e a celebração da sua história tinham um lugar especial.<sup>18</sup> Tratava-se de uma educação elementar, que incluía de forma integrada os elementos essenciais da fé. Era um ensino tanto moral quanto litúrgico e histórico, que acontecia, sobretudo, de forma narrativa, recordando a origem e o sentido das grandes solenidades em Israel, como se vê em Êxodo 12.26-27; 13.8-9,16. Os pais respondiam as perguntas dos filhos, narrando acontecimentos históricos, explicando ritos, cerimônias e mandamentos e ensinando o credo histórico (Deuteronômio 6.20-25). Os pais ensinavam também poemas e cânticos a seus filhos, tendo os mesmos uma função pedagógica, como se vê em Deuteronômio 31.10-22. Mesmo sendo uma educação autoritária, centrada na Lei e considerando pouco a peculiaridade da criança em si, percebe-se que havia em Israel, na época do AT, uma educação religiosa muito integrada à própria vida do povo, na qual a narração da ‘sua’ história exercia um papel fundamental.

### Outros agentes narradores no AT

Deus e a família eram duas constantes no processo educativo no AT, uma teológica e outra sociológica. Não se pode esquecer, porém, outros agentes narradores e educativos em Israel: o próprio povo, os profetas, os sacerdotes, os sábios e os rabinos. Vendo os objetivos, o conteúdo, a metodologia e as instituições que perpassavam a sua ação, pode-se denominá-los de “agentes narradores”, pois narração de histórias teve sempre um papel fundamental nas suas práticas pedagógicas e nos seus modelos educativos.

O povo educava a si mesmo, graças à sua memória coletiva,<sup>19</sup> o que os historiadores do AT chamam de tradição oral. Gerações após gerações transmitiam os acontecimentos que estavam na origem da existência do povo de Israel. Faziam isto em forma de narração e testemunho de fé a respeito das intervenções de Deus em sua história. Segundo Preiswerk, educação e história estavam estreitamente ligadas. Por uma parte, a história era o conteúdo fundamental da educação, mas, por outra, esta garantia a continuidade, a reinterpretação e a atualização daquela.<sup>20</sup> Neste sentido, a educação era comunitária e a narração de histórias tinha um papel constitutivo e essencial no processo educativo.

Outros agentes educativos e narradores em Israel eram os profetas. Não exerciam uma educação formal e sistematizada, mas eram vocacionados pelo próprio Deus para a sua tarefa de anunciar e denunciar, que eram as tônicas em seu ensino e em sua pregação. Conforme Dobberahn, eles podem ser considerados “educadores de rua”,<sup>21</sup> por suas palavras e seus atos simbólicos (Jeremias 13.1ss e Oséias 1.2ss). Eram porta-vozes das massas oprimidas. Eram instrumentos da palavra de Javé e, portanto, sua palavra era educadora, como se vê em Amós 3.7-8. Seus ensinamentos eram geralmente muito duros e provocadores, exigindo mudanças radicais e dolorosas das pessoas e das estruturas. Por isso, não tinham muita popularidade e eram, muitas vezes, isolados e perseguidos (Jeremias 20.10 e Amós 7.10-17).

Quanto à sua pedagogia e à sua metodologia, a forma de ensinar dos profetas era muito peculiar: combinavam o gesto com a palavra, a pergunta com a afirmação, o exemplo com a metáfora, sendo, assim, uma educação essencialmente contextualizada, popular, narrativa e testemunhal. Dentre os recursos que utilizavam, um era peculiar e muito impressionante: a ação simbólica. Conforme Preiswerk, com a ação profética a palavra se fazia acontecimento.<sup>22</sup> Portanto, com os

<sup>18</sup> Um estudo específico sobre a educação na família, na época do AT, encontra-se no artigo de WOLFF, Hans Walter. Was sagt die Bibel von Vater und Mutter? *Das Gespräch*. Wuppertal-Barmen: Jugenddienst Verlag, n. 23, 1962.

<sup>19</sup> PREISWERK, 1984, p. 56.

<sup>20</sup> PREISWERK, 1984, p. 56.

<sup>21</sup> DOBBERAHN, 1991, p. 4.

<sup>22</sup> PREISWERK, 1984, p. 59.

profetas, a educação no AT não era uma simples transmissão das tradições ou verdades de um povo, mas era crítica e libertadora, integrando o passado, o presente e o futuro.

Outrossim, não se pode falar em educação e em narração em Israel sem referir os sacerdotes e a instrução dada por eles através da Lei, chamada Torá. Estava a cargo dos sacerdotes a transmissão, a explicação e a aplicação desta Lei, recebida por Moisés (Levítico 10.10-11 e Deuteronômio 31.9-13). Seu ensino estava intimamente ligado ao Templo, porém, o papel educativo e narrativo dos sacerdotes não se limitava estritamente à aplicação casuística da Lei neste âmbito restrito do Templo. Sua responsabilidade também tomava a sério a situação global na qual vivia o povo, zelando, por exemplo, pela prática da justiça nas relações sociais (Oséias 4.4-8).

Entre os agentes educativos e narradores no AT, os sábios e os seus conselhos também tinham um papel importante. Havia nos sábios e em seus ensinamentos uma relação estreita entre educação e experiência, como se vê, por exemplo, nos provérbios. Eram ensinamentos que se interessavam pela globalidade e integralidade da vida. Visavam educar para a vida (Provérbios 6.23, 10.17 e 8.32-36), mas, para tal, pressupunham o conhecimento e a fé em Javé (Provérbios 1.7).

No século II a.C., apareceu em Israel um grupo chamado escribas, que se consideravam sucessores de Esdras e que se vinculavam também com o sacerdócio. A formação destes pedagogos se deu por influência da cultura grega, introduzindo novas formas de interpretação e renovados recursos didáticos no ensino da Lei. Os escribas, encarregados de guardar a tradição do povo e de explicar e aplicar a Escritura, eram chamados também de rabis ou doutores da Lei. Na mesma época, apareceu a sinagoga, uma instituição religiosa e educativa, que se tornou, a partir de então, o centro da vida comunitária em Israel. O culto e os sacrifícios eram centralizados no Templo, mas nas sinagogas se reunia a comunidade para orar e para ensinar a Lei. As sinagogas serviam também como escola, sendo ali ministrado o ensino elementar. Desta maneira, a partir de 6 ou 7 anos,

as crianças eram iniciadas na leitura e na interpretação da Lei. O objetivo central era ‘rememorizar’ e preservar a ‘sua’ história.

### Uma história narrada e festejada

Neste rápido apanhado sobre o papel da história no processo educativo entre o povo de Israel, no AT, viu-se que havia uma multiplicidade de agentes e uma variedade de modelos. Tratava-se de uma educação popular, que acontecia essencialmente por meio da convivência, com grande ênfase na tradição oral e na narração de histórias como forma de preservar a memória do povo. Os agentes educativos eram, sobretudo, narradores e seus modelos educativos eram, sobretudo, narrativos. Contudo, não se pode idealizar o que foi historicamente a educação no AT, pois em sua organização havia também formas estruturais contraditórias, como a sinagoga e seus agentes educadores. Conforme Preiswerk, este trabalho foi mais ideológico e conservador do que renovador e libertador<sup>23</sup>. Todas as formas de educação e todos os agentes mencionados eram, ao mesmo tempo, “hospedeiros do opressor”,<sup>24</sup> trazendo consigo uma grande ambivalência e ambiguidade, servindo tanto para a libertação do povo como para sua opressão. O único educador constantemente fiel era Deus mesmo.<sup>25</sup>

Neste sentido, o AT é também o relato do fracasso da educação, pois o povo escolhido se afastava constantemente do projeto histórico que Deus lhe havia traçado (Jeremias 18.18). Usando conceito de Paulo Freire, podemos afirmar que os agentes educativos no AT se prestaram também a uma “educação domesticadora”<sup>26</sup> (Miquéias 3.11 e Ezequiel 7.26). Não obstante, considerando a fidelidade de Deus como educador, pode-se concluir que o projeto educativo no AT era profundamente popular e libertador, fortemente

<sup>23</sup> PREISWERK, 1984, p. 65.

<sup>24</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974. p. 142.

<sup>25</sup> PREISWERK, 1984, p. 65.

<sup>26</sup> FREIRE, 1974, p. 62.

calcado nas tradições históricas libertadoras do povo e nos “temas geradores”<sup>27</sup> daí resultantes.

Vale também ressaltar que o povo não apenas narra a sua história, mas a festejava. As festas agrárias eram em Israel um reduto da memória popular, visando preservar a consciência histórica. Dobberahn aponta, por isto, o festejar da história como o paradigma da práxis libertadora em Israel. Segundo ele, educação libertadora a partir do AT significa aplicar os eventos salvíficos de modo prático à realidade, festejando-os e vivenciando assim a fé nas verdades históricas da salvação.<sup>28</sup> Nisto se evidencia o papel fundamental da narração de histórias bíblicas e da celebração no processo de ensino-aprendizagem na fé.

### O papel da história no Novo Testamento

A narrativa bíblica do NT consiste basicamente no relato da vida e obra de Jesus (os evangelhos – “relatando todas as cousas que Jesus fez e ensinou”, conforme Atos 1.1), bem como no relato da história das primeiras comunidades cristãs (Atos dos Apóstolos e as epístolas). Paraphraseando Lucas 1.1ss e Atos 1.1ss, pode-se dizer que o NT é “uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram, conforme nos transmitiram os que desde o princípio foram deles testemunhas oculares, e ministros da palavra...”<sup>29</sup>

Apesar da distinção dos relatos, é difícil separar a pedagogia de Jesus da pedagogia das primeiras comunidades cristãs, pois só se conhece os relatos acerca do Jesus histórico através dos testemunhos da fé dos seguidores do Cristo pós-pascal. Mesmo assim, por razões metodológicas, opta-se neste trabalho em separar o ministério do ensino de Jesus do ministério do ensino de seus discípulos e da Igreja, dando destaque ao papel da história e da narração neste processo educativo no NT.

### A pedagogia de Jesus

Nos evangelhos sinóticos, o verbo ensinar ou instruir (“didasko”) aparece aproximadamente cem vezes, referindo-se geralmente à atividade de Jesus. Ele ensinava às multidões, aos seus discípulos, a grupos ocasionais, a indivíduos isolados e aos líderes religiosos. Ele ensinava, pois, a qualquer tipo de gente, em especial aos excluídos pela Lei, a saber: crianças, mulheres, publicanos, pecadores, doentes, prostitutas e toda classe de ‘impuros’, invertendo assim a ordem de precedência e de valoração que predominava no mundo social e religioso da sua época. Com Jesus deu-se uma inversão no prisma legalista da revelação de Deus e do processo educativo que, segundo os escribas, passavam por eles e pela Torá, partindo dos adultos em direção das crianças. “Jesus mostra que o encontro com Deus não acontece no abraço à lei, mas à criança”.<sup>30</sup> A postura de Jesus diante das crianças foi subversão da ordem vigente, como se vê, por exemplo, em Marcos 9.33-37 e 10.13-16, onde ele aponta a criança como reveladora de Deus e do seu Reino. Na mensagem de Jesus, as linhas do amor (Marcos 9.37a) e da fé (Marcos 9.37b) se cruzam na criança: “Encontrando as crianças no encontro com Deus e encontrando a Deus no encontro com as crianças”.<sup>31</sup> Na atuação e na pregação de Jesus, a criança aparece como amostra do Reino, como lugar privilegiado da presença de Deus. Jesus reinterpretou, portanto, a Lei, centrando a sua ação e pregação no Reino de Deus, conforme se vê também em Mateus 25.31-46: o acolhimento do próximo necessitado é seguimento de Cristo e o lugar de encontro com Deus. Para Jesus, o discipulado passa pelo inverso do poder; o Reino de Deus está acessível no avesso e no reverso do reino do patriarcalismo e do legalismo da Torá: na criança e nos demais excluídos e marginalizados da sociedade.

No acolhimento da criança, na aceitação do seu mundo, da sua particularidade, da sua individualidade, acontece a verdadeira abertura pedagógica para o recebimento da revelação de Deus. Somente a partir desta abertura a educação pode ser convertida aos

<sup>27</sup> FREIRE, 1974, p. 100.

<sup>28</sup> DOBBERAHN, 1991, p. 26.

<sup>29</sup> Grifo do autor desta dissertação.

<sup>30</sup> HEINZELMANN, 1994, s. p.

<sup>31</sup> HEINZELMANN, 1994, s. p.

valores da criança e deixar de apagar, através de valores legalistas, o Cristo presente nelas.<sup>32</sup>

## Encontros e parábolas

Jesus ensinava em qualquer lugar: nas sinagogas, no Templo, ao ar livre, nas praças, à margem do lago, ao longo dos caminhos. Em seu ensino fazia uso constante do AT e partia sempre da situação concreta e existencial em que viviam seus ouvintes.<sup>33</sup> As formas e técnicas do ensino de Jesus eram variadas e adaptadas às circunstâncias que se apresentavam: eram encontros dialogais, parábolas, perguntas e muitas outras. A parábola era um estilo pedagógico próprio de Jesus, um método narrativo sem correspondente na literatura rabínica.<sup>34</sup>

Em Marcos 4.10-11, interrogado por seus discípulos, Jesus lhes explicou por que ele ensinava ao povo por meio de parábolas: “A vós outros vos é dado conhecer o mistério do reino de Deus, mas aos de fora tudo se ensina por meio de parábolas”. Conforme Carlos Mesters, parábola é uma espécie de comparação ou imagem, tirada da realidade da vida, para esclarecer uma outra realidade, relacionada com o Reino de Deus.<sup>35</sup> A parábola foi o jeito por excelência encontrado por Jesus para ensinar ao povo de maneira bem contextualizada

acerca de Deus, contando-lhe histórias “profanas” carregadas de mensagens “sagradas”, falando da realidade divina encarnada na realidade humana. Nas parábolas também se pode perceber que “o Verbo se fez carne, e habitou entre nós” (João 1.14). Em Jesus a Palavra de Deus se fez e se faz história, sendo cada parábola ou outra narração bíblica uma amostra desta encarnação de Deus.

Além das parábolas, os encontros de Jesus com diferentes pessoas chamam a atenção no seu método de pregar e ensinar. No ensino de Jesus não se estabelecia um relacionamento formal e distante, mas uma relação de profunda confiança e dialogicidade<sup>36</sup>, usando conceitos de Paulo Freire. Por isso, a relação que Jesus mantinha com os seus discípulos e outros ouvintes diferia da relação existente entre rabis e seus alunos. Jesus, inclusive, desrecomendou a seus discípulos de serem chamados de mestres, como vemos em Mateus 23.8: “Vós, porém, não sereis chamados mestres, porque um só é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos”. Em resumo, pode-se afirmar que Jesus, ensinando sobre Deus, seu Reino e sua vontade, não se distanciou muito dos temas do judaísmo. O que mudou em seu ensino foi o tratamento dado aos mesmos conteúdos, pois ele radicalizou seus ensinamentos em defesa do Reino de Deus, colocando o amor acima das leis, usadas ideologicamente para manter uma estrutura religiosa e social. Por exemplo, o conceito de Reino de Deus já existia no AT, mas a novidade com Jesus é que o Reino já está começando a manifestar-se em todas as suas dimensões, como se vê em Lucas 7.22. Seu ensino acerca do Reino foi tanto escatológico como presente. Jesus apresentou o Reino como um dom oferecido gratuitamente por Deus, mas também como uma exigência presente de transformação ativa. Seu ensino visava o seguimento. Segundo Hugo Echegaray, “a originalidad de Jesús va a consistir en relacionar los signos del Reino con su propia persona...”<sup>37</sup> O ensino de Jesus e, em particular, sua mensagem a respeito do Reino tinham um caráter profundamente teocêntrico. Por exemplo, as bem-aventuranças não buscam explicar quem são os

<sup>32</sup> HEINZELMANN, 1994, s. p.

<sup>33</sup> Quanto a este tema, além das obras já anteriormente referidas de Matthias PREISWERK e Hans-Ruedi WEBER, pode-se apontar ainda para os seguintes estudos: PRICE, J. M. *A pedagogia de Jesus: o Mestre por excelência*. 7. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1990; ECHEGARAY, Hugo. *A prática de Jesus*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1984; DEPARTAMENTO DE CATEQUESE DA IECLB E INSTITUTO DE EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Pedagogia de Jesus*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1992. p. 9-37. Este último livro traz cinco roteiros de estudo e textos de reflexão sobre o referido tema, enfocando cinco subtemas, a saber: Onde Jesus ensinava? A quem Jesus ensinava? O que Jesus ensinava? Como Jesus ensinava? Gesto e palavra.

<sup>34</sup> Sobre este tema especificamente recomenda-se ver BAUDLER, Georg. *A figura de Jesus nas parábolas: a obra narrativa na vida de Jesus: um acesso à fé*. Aparecida: Santuário, 1990, além de vasta bibliografia genérica sobre o tema parábolas como, por exemplo, JEREMIAS, Joachim. *As parábolas de Jesus*. 2. ed. São Paulo: Paulina, 1978.

<sup>35</sup> MESTERS, Carlos. *Deus, onde estás?* 2. ed. Belo Horizonte: Vega, 1972. p. 154.

<sup>36</sup> FREIRE, 1974, p. 83 ss.

<sup>37</sup> ECHEGARAY, 1984, p. 121.

pobres ou os pobres de espírito, mas elas querem assinalar quem é Deus e qual é seu Reino, e fazem isto falando dos pobres, não porque tenham um mérito particular, mas porque são as vítimas de uma sociedade injusta e porque Deus, com seu Reino, quer restabelecer a justiça. Jesus retomou a mensagem profética em seu discurso programático ou projeto educativo, como se vê em Lucas 4.18-19, que é citação de Isaías 61.1-2. Com sua concepção de Reino, Jesus se distanciou muito claramente dos grupos religiosos da sua época, em especial dos escribas e dos fariseus. Segundo Preiswerk, “se ve claramente la confrontación entre dos modelos de educación: uno creativo, globalizante y transformador, el otro, conservador e ideologizante”.<sup>38</sup>

### Palavras e gestos

Jesus se inspirou muito no método pedagógico dos profetas e, sobretudo, nas ações simbólicas. Na palavra de Jesus, o símbolo está diretamente relacionado ao Reino e à sua exigência de libertação. Através desta “linguagem indireta”,<sup>39</sup> Jesus fez do Reino o meio da revelação de Deus. Jesus não foi somente um excelente educador pelos recursos retóricos que empregou ou pelo conteúdo e pela mensagem que comunicou. Sua pedagogia era mais completa: as ações simbólicas não vieram somente reforçar suas palavras, mas o conjunto de sua prática era integral e libertadora, indo muito além do discurso. Em suas ações, a palavra estava intimamente ligada com o gesto, o sinal, o símbolo. Por isso, quem não escutar a palavra de Jesus, não será capaz de entender o gesto, e quem não enxergar e não se beneficiar do gesto, tampouco entenderá a palavra.<sup>40</sup> Como exemplos desta estreita ligação entre palavra e gesto, sinal ou símbolo pode-se mencionar a instituição da Ceia (Mateus 26. 26-30) e a história dos discípulos a caminho de Emaús (Lucas 24. 13-35). No partir do pão eles o reconheceram (versículos 30-31). Assim, pode-se compreender por que é tão significativo para uma criança não apenas ouvir uma história, mas vivenciar e celebrar o referido evento,

participando, por exemplo, da Santa Ceia. Esta prática de Jesus de integrar palavras e gestos era profundamente teológica e pedagógica. Era uma prática educativa essencialmente contextualizada, relacional, dialógica e narrativa.

A constante insistência do AT sobre um Deus que manifesta sua fidelidade através da educação está muito presente também no ensino de Jesus e de todo o NT. Na polêmica de Jesus com os mestres da Lei, ele disse a seus discípulos: “Um só é vosso Mestre” (Mateus 23.8). Em João 7.14-18 encontra-se uma resposta de Jesus aos judeus que questionavam o seu ensino: “Meu ensino não é meu, senão daquele que me enviou.” O que Jesus disse e fez foi o que seu Pai lhe havia ensinado e não a aplicação de um novo método pedagógico que ele tivesse inventado. Nisto se evidenciava que ele era Filho de Deus e que a sua pedagogia era uma resposta às exigências radicais de libertação que Deus tinha para com seu povo. Assim Jesus se tornou o Mestre por excelência, a “parábola” em pessoa, “o Verbo que se fez carne”, a “história” encarnada, a “narração” de Deus.

### Igreja - comunidade narradora

No relato da ressurreição de Jesus lê-se: “E, voltando do túmulo, (as mulheres) anunciaram todas essas cousas aos onze e a todos os mais que com eles estavam”.<sup>41</sup>

A boa nova da ressurreição foi transmitida por meio de uma narração, no que se evidencia o papel fundamental e imprescindível deste meio no processo de ensino-aprendizagem da fé cristã. Também o discurso de Pedro no dia de Pentecostes (Atos 2.14-36) deu-se essencialmente pela narração e não pela argumentação. Isto se evidencia também na **Didaqué**, principal documento de ensino da Igreja Cristã Primitiva, cuja ênfase é bastante narrativa, visto destinar-se aos catecúmenos ou neófitos na fé. O mesmo já não se nota nas epístolas paulinas, que são bem mais discursivas e dogmáticas, por exemplo. Isto se deve, certamente, ao estilo do apóstolo e, sobretudo, aos seus destinatários, que eram pessoas já iniciadas na fé. O

<sup>38</sup> PREISWERK, 1984, p. 72.

<sup>39</sup> ECHEGARAY, 1984, p. 125.

<sup>40</sup> PREISWERK, 1984, p. 73.

<sup>41</sup> Lucas 24.9.

apóstolo Paulo, mesmo assim, também deu ênfase central à memória, conforme se vê, por exemplo, em 1 Coríntios 11.23: “Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei...” Paulo anunciou a história fundante da Ceia e desafiou a comunidade a celebrá-la em memória do Senhor (vv. 24-25). O Evangelho é essencialmente anúncio recebido e transmitido (1 Coríntios 15.1-3), lembrando e trazendo à memória a história do agir de Deus com o seu povo. A Igreja Cristã pode ser caracterizada, desde o seu início, como uma “comunhão narradora”: “Das Christentum war von Anfang an Erzählgemeinschaft”.<sup>42</sup>, concepção esta que encontra novo eco, a partir da década de 70, em textos de Harald Weinrich, Gerhard Lohfink e outros teólogos europeus da corrente da Teologia Narrativa. Isto se evidencia também na *Didaqué*, principal documento de ensino das primeiras comunidades cristãs, cuja ênfase é bastante narrativa.

A Igreja do NT, do mesmo modo como o povo do AT, estava constantemente em tensão entre educar e ser educada. Ela se compreendia como sendo educada pelo próprio Deus, porque não tinha seu centro e sua razão de ser nela mesma. Ela não detinha a verdade. No mesmo momento em que era educada pelo próprio Deus, ela educava em cumprimento de sua missão, estabelecendo-se uma estreita ligação entre educação e missão. Entra aí o Espírito Santo educador. A ordem pós-pascal dada por Jesus a seus discípulos de ensinar, conforme Mateus 28.18-20, se fez possível com a dádiva do Espírito Santo. Conforme João 14.26, o Espírito Santo continuou e aprofundou a obra educativa de Jesus. Os discípulos e a primeira comunidade cristã, na ausência de Jesus, podiam contar com seu Espírito que lhes fazia recordar e atualizar o que Jesus dissera e fizera. O Espírito Santo era essa força e essa capacidade de comunicação, essa linguagem nova que as pessoas descobriram no dia de Pentecostes. Assim, o ensino cristão já não tinha barreiras ou fronteiras.

O ensino das primeiras comunidades cristãs teve um caráter muito carismático, ligado à espera da chegada iminente do Reino de Deus. Dado o

caráter urgente e espontâneo da Educação Cristã, não existia nenhuma instituição específica para realizá-la. Os agentes educadores eram os apóstolos, que ensinavam como parte de seu ministério global. Todo o processo de formação do NT foi reflexo dessa intensa atividade educativa, em que a narração teve um papel fundamental. Assim, os livros do NT, em particular os evangelhos, têm um caráter fortemente narrativo, tendo sido redigidos sobre a base do trabalho de pregação e de ensino das primeiras comunidades cristãs, como se pode ver, por exemplo, nos prefácios do evangelho de Lucas (Lucas 1.1-4) e do livro de Atos dos Apóstolos (Atos 1.1-5). Os evangelhos têm uma forte linha narrativa, desde as narrações da infância de Jesus até o grande relato da sua paixão e ressurreição. Também os primeiros pregadores cristãos fizeram suas reflexões fortemente enraizadas na ‘rememoração’ da história, como se vê no discurso de Pedro em Pentecostes (Atos 2).

A Educação Cristã se fazia em função da missão e se definia a partir dela. A missão era o seguimento e a prolongação da prática de Jesus e o ensino seguia a prática pedagógica de seu Mestre, como se vê em Atos 5.21 e 42. As autoridades judaicas estranharam que “homens sem instrução e gente comum” pudesse falar com tanta segurança e pudesse acompanhar de prodígios os seus ensinamentos, conforme Atos 4.13-14, 18. A educação popular dos apóstolos chocava frente à educação elitista dos judeus. Os apóstolos não se deixaram atemorizar. Seguiram ensinando o que haviam visto e ouvido. Assim, a missão se expandiu rapidamente em todo o mundo greco-romano e não se pôde fazer calar “la memoria subversiva de la práctica de Jesús”<sup>43</sup> que está no centro de seus ensinamentos. Vê-se, pois, que o ensinamento apostólico, em sua primeira fase, esteve em estreita ligação com a pregação, foi de caráter espontâneo e não institucional, sendo profundamente popular e criativo.

Outro aspecto a destacar é o caráter de revelação dos ensinamentos dos apóstolos, como se vê em 1 Coríntios 15.3 ss. Não se tratava de um

<sup>42</sup> SCHRÖER, Henning. *Evangelische Theologie*, n. 38, p. 113-125.

<sup>43</sup> PREISWERK, 1984, p. 80.

comentário ou de uma interpretação, mas da transmissão da própria mensagem de Jesus, do seu “kerygma”, como se vê, por exemplo, nas palavras da instituição da Santa Ceia, em 1 Coríntios 11.23ss: “Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que , tomou o pão; e, tendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim...” Neste caráter de revelação residia a autoridade dos ensinamentos dos apóstolos. Várias coleções de ditos de Jesus circulavam nas primeiras comunidades e os apóstolos e os autores do NT os usaram para realizar sua tarefa pedagógica. Também as confissões de fé tinham um lugar importante no ensinamento apostólico. Elas guardavam uma relação com o Batismo, onde se evidencia claramente a dinâmica educativa de relacionamento estreito entre palavra e gesto. A mais conhecida confissão de fé encontra-se em Filipenses 2. 5-11. À medida que as comunidades cristãs se desenvolveram, o ensino se fez menos carismático e espontâneo, visto que a organização da vida das comunidades requeria maior nível de institucionalidade. Nesse contexto nasceram as epístolas pastorais. Também o ministério do apóstolo, que antes estava voltado exclusivamente para a pregação e a missão, começou a diversificar-se, conforme se vê em 2 Timóteo 2.2. O conteúdo do ensino, que antes estava intrinsecamente ligado à pregação, começou a encontrar maior especificidade, conforme 1 Timóteo 6.2-3. Assim, gradativamente, o kerygma se fez acompanhar do ensino da “boa e sã doutrina” para reforçar ou desenvolver a mensagem central, conforme 1 Timóteo 4.6 e Tito 2.1, aparecendo gradativamente a função do mestre (“didaskalo”), conforme 1 Coríntios 12.28-29. Um resumo das cartas pastorais a respeito da educação encontra-se em 2 Timóteo 4.1-3.<sup>44</sup>

<sup>44</sup> Sobre este tema especificamente, além da obra já acima referida de Matthias PREISWERK, que traz uma abordagem sobre a Igreja educadora, pode-se mencionar ainda GEORGE, Sherron K. *Igreja ensinadora*. Campinas: LPC Publicações, 1993. As duas obras abordam fundamentos bíblico-teológicos e pedagógicos da Educação Cristã no Novo Testamento.

No artigo intitulado *Contar nuestra historia*,<sup>45</sup> Danilo R. Streck fala sobre a importância de recuperar a imagem da Educação Cristã como manter viva a memória e contar a história do povo de Deus. Leva a pensar sobre o que significam as palavras repetidas por ocasião da Ceia do Senhor, “em memória” de Cristo. “Es minimamente el recuerdo de que a través de la memoria estamos ligados a aquellos hechos básicos de la comunidad a la cual pertenecemos”.<sup>46</sup> Danilo R. Streck destaca que a primeira forma de ensino sistemático dos recém convertidos estava estreitamente ligada ao Batismo. No ‘catecumenato’ as pessoas que se preparavam para receber o Batismo, eram instruídas sobre os princípios da fé que estavam abraçando e eram informadas da história da comunidade na qual estavam prestes a se integrar.

Mirando con más atención, podríamos decir que esta educación para la vivencia más plena del Bautismo es en el fondo, el contar la historia del pueblo, ayudando a cada persona a encontrar su lugar dentro de esta historia que continúa haciéndose. La fe en términos bíblicos, no es algo indescifrable, un privilegio para pocos escogidos, sino una lectura del mundo, una manera de comprender la propia vida y la propia historia a partir de la relación con Dios.<sup>47</sup>

Interessante, neste sentido, é recorrer às *Fontes da Catequese* e analisar o destaque da “narrativa catequética da história da salvação” na *Instrução dos catecúmenos*.<sup>48</sup> O referido documento, da autoria de Santo Agostinho, data do início do século IV. Nele se evidencia uma concepção de iniciação cristã eminentemente bíblica e essencialmente narrativa. O conteúdo da catequese é a história da salvação, dividida em dois momentos: a “narratio” ou exposição dos acontecimentos salvíficos e a “expectatio” ou esperança da ressurreição que gera o amor. “Terminada a narração, deve infundir-se no espírito dos ouvintes a esperança da

<sup>45</sup> STRECK, Danilo R. Contar nuestra historia. *Revista Educación*. Guadalupe, n. 19, 1992, p. 4-8.

<sup>46</sup> STRECK, 1992, p. 5.

<sup>47</sup> STRECK, 1992, p. 4-5.

<sup>48</sup> NOVAK, Maria da Glória (trad.). *A instrução dos catecúmenos*: teoria e prática da catequese. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 11.

ressurreição”.<sup>49</sup> No Capítulo III, intitulado “A narração plena que deve ser apresentada ao catequizando”, lê-se: “A narração é completa quando o catecúmeno é instruído a partir do início da Escritura - No princípio criou Deus o céu e a terra - até os tempos atuais da Igreja”.<sup>50</sup> No Capítulo VI retoma-se este conteúdo central da narração e orienta-se sobre como apresentá-lo, enfatizando a importância do seu relacionamento com o “fim soberano do amor”:

A narração deve começar com ‘Deus criou todas as coisas muito boas’ e, como dissemos, deve chegar aos tempos atuais da Igreja, apresentando as causas e as razões de cada um dos fatos e atos que narramos; por meio dessas causas e razões, relacionaremos tudo com o fim soberano do amor, de que se não deve desviar o olhar de quem quer que faça ou diga algo.<sup>51</sup>

Na concepção de Santo Agostinho, a narração visa fundamentar a fé, suscitar a esperança e alimentar o amor. Referente ao alvo da narração, pode-se ler no referido documento: “[...] o que quer que narres faze-o de tal forma que aquele que te ouve, ouvindo creia e, crendo, espere e, esperando, ame”.<sup>52</sup>

É interessante observar também o duplo aspecto na preocupação de Santo Agostinho em relação à “narração completa”<sup>53</sup>: a questão do conteúdo e a maneira de transmiti-lo. Neste sentido, ele aponta “seis causas de enfado para o catequista” e dedica vários capítulos a “como conseguir a alegria”: “A grande preocupação reside na maneira de narrar, para que aquele que catequiza, quem quer que seja, o faça com alegria: tanto mais agradável será a narração, quanto mais puder alegrar-se o catequista.”<sup>54</sup>

No tocante ao tema específico em estudo, Santo Agostinho enfatiza no Capítulo XV: “A

forma da mensagem deve variar de acordo com a diversidade dos destinatários”.<sup>55</sup>

Vê-se, pois, que a narração de histórias aparece como tarefa fundamental em toda a Bíblia e na Educação Cristã, desde o início da Igreja Cristã. O povo de Israel educava, narrando a sua história. As parábolas eram o principal método de ensino de Jesus, privilegiando a palavra e o gesto em sua pedagogia. Desde o início, a Igreja Cristã também priorizou a tarefa narrativa em sua missão, tornando-se uma ‘comunidade narradora’. A narração de histórias é um tema constante na Bíblia. No AT, a ênfase está em manter viva a memória do agir de Deus com o seu povo. No NT, Jesus é apresentado como o Mestre e Pedagogo por excelência, o Verbo encarnado, a ‘parábola’ de Deus, sua ‘exegese’, sua ‘narração’. Decorre daí a tarefa educativa da Igreja e o papel educativo fundamental da narração de histórias bíblicas no processo de ensino-aprendizagem na fé. A Bíblia fornece os fundamentos bíblico-teológicos da Educação Cristã, mas cabe à Igreja, em cada época, lugar e contexto, a importante tarefa de interpretar, atualizar e confrontar o princípio educativo descoberto ao longo do AT e do NT. Neste sentido, no caso específico da prática narrativa no trabalho com crianças em Educação Cristã, o desafio do presente artigo é fazer a releitura bíblica na perspectiva da criança, que é o tema a seguir.

### A releitura bíblica na perspectiva da criança

Toda leitura bíblica pressupõe uma interpretação, constituindo-se numa releitura bíblica. A partir daí, desenvolveu-se, no decorrer da História da Igreja, a disciplina teológica conhecida como Hermenêutica.<sup>56</sup> Surgiram, assim, diferentes jeitos de ler a Bíblia, com perspectivas e ênfases específicas, resultando em diferentes métodos e modelos teológicos. Fala-se em método histórico-crítico, método sociológico, Teologia Narrativa, Teologia da Libertação, Teologia Negra, Teologia

<sup>49</sup> NOVAK, 1973, p. 47.

<sup>50</sup> NOVAK, 1973, p. 10 e 38.

<sup>51</sup> NOVAK, 1973, p. 46.

<sup>52</sup> NOVAK, 1973, p. 15 e 44.

<sup>53</sup> NOVAK, 1973, p. 16.

<sup>54</sup> NOVAK, 1973, p. 37.

<sup>55</sup> NOVAK, 1973, p. 66.

<sup>56</sup> Sugestivo, neste sentido, é um texto de MESTERS, Carlos. A Bíblia lê a Bíblia: sobre o fenômeno da releitura dentro da Bíblia. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, n. 32, p. 39-45, 1991.

Feminista, leitura popular da Bíblia, leitura orante da Bíblia e tantas outras expressões.

### Em busca de uma Hermenêutica Latino-americana

Para abordar o tema específico da releitura bíblica na perspectiva da criança, aponta-se, inicialmente, alguns modelos, métodos ou eixos existentes na Teologia Latino-americana. Eles se constituem em fundamentos, pressupostos e desafios teológicos e hermenêuticos nesta busca por uma releitura bíblica e uma Teologia na perspectiva da criança.

Francisco Taborda identifica cinco modelos ou métodos teológicos na América Latina<sup>57</sup>, a saber: 1º) Libertação da Teologia (método explicitado e praticado por Juan Luis Segundo<sup>58</sup>); 2º) Teologia do Político (modelo baseado em tese de Clodovis Boff<sup>59</sup>); 3º) Teologia como hermenêutica da fé em categorias do âmbito social (semelhante ao método sociológico, conforme classificação de Uwe Wegner<sup>60</sup>); 4º) reflexão sistemático-crítica sobre a Teologia Popular (ênfase na “troca de saberes”, conforme Clodovis Boff<sup>61</sup>); 5º) Teologia Narrativa (ênfase na “subestrutura narrativa” de toda a Teologia Cristã, conforme Gerhard Lohfink<sup>62</sup>, Harald Weinrich e Johann Baptist Metz<sup>63</sup>).

Francisco Taborda identifica o modelo da Teologia Narrativa na Teologia Negra Norte-

americana, da qual J. H. Cone é um dos expoentes. Refere também que no México começa a realizar-se um intento sistemático de desenvolver o método da Teologia Narrativa com características latino-americanas, procedendo-se da seguinte maneira:

Narra o que está acontecendo na comunidade, procura descobrir aí sinais da presença e atuação de Deus e responder a eles por um projeto de ação. É uma leitura dos acontecimentos à luz do seguimento de Cristo, centrado no Reino de Deus que pede conversão.<sup>64</sup>

Por vezes, a Teologia Narrativa também é denominada de Teologia Testemunhal, como se vê, por exemplo, em materiais editados por Dimensión Educativa<sup>65</sup>, na Colômbia. No prefácio de *Práctica: Teología de las comunidades cristianas*, volume 5, a Teologia Testemunhal é apresentada como expressão e codificação da experiência cristã em confronto com o testemunho:

Existen, pues, dos polos inseparables en la vida del cristiano: la experiencia y el testimonio: No puede hacer testimonio que no se fundamente y arraigue en la experiencia de Dios; a su vez no puede haber experiencia cristiana que no exija ser testimoniada. La Biblia está estructurada con base en esta dinámica experiencia-testimonio. El Antiguo Testamento es la objetivación literaria de la extraordinaria experiencia religiosa del Pueblo de Israel y de su testimonio ante todas las naciones. El Nuevo Testamento es la objetivación literaria, la codificación escrita de la experiencia religiosa de Jesús de Nazareth y de la Comunidad Apostólica y del testimonio que dieron de ella. Por eso mismo se constituye en la experiencia fundante, prototipo y arquetipo de toda experiencia cristiana.<sup>66</sup>

A ênfase deste modelo teológico da Teologia Narrativa ou Teologia Testemunhal está na narração como maneira de fazer Teologia, envolvendo fatos da vida em estreita ligação e em

<sup>57</sup> TABORDA, Francisco. Métodos teológicos na América Latina. *Perspectiva teológica*, n. 19, p. 293-319, 1987.

<sup>58</sup> SEGUNDO, Juan Luis. *Teología da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 1987.

<sup>59</sup> BOFF, Clodovis. *Teologia e prática: Teologia do político e suas mediações*. Petrópolis: Vozes, 1978.

<sup>60</sup> WEGNER, Uwe. A leitura bíblica por meio do método sociológico. *Mosaicos da Bíblia*. Koinonia: São Paulo/Rio de Janeiro, n. 12, 1993. Esta leitura sociológica esquematiza a análise da sociedade segundo quatro pólos ou lados, a saber: o econômico, o político, o social e o ideológico.

<sup>61</sup> BOFF, Clodovis. *Agente de pastoral e povo*. Petrópolis: Vozes, 1984.

<sup>62</sup> LOHFINK, Gerhard. Erzählung als Theologie: zur sprachlichen Grundstruktur der Evangelien. *Stimmen der Zeit*, p. 521-532.

<sup>63</sup> WEINRICH, Harald. Teologia Narrativa. *Concilium*, Petrópolis: Vozes, v. 85, n. 5, p. 569-579, 1973; METZ, Johann Baptist. Pequena apologia da narração. *Concilium*, Petrópolis: Vozes, v. 85, n. 5, p. 580-592, 1973.

<sup>64</sup> TABORDA, 1987, p. 306-307.

<sup>65</sup> DIMENSIÓN EDUCATIVA, Teologia Testimonial. *Práctica: Teología de las comunidades cristianas*. Bogotá, v. 5, 1986; v. 10, 1990.

<sup>66</sup> DIMENSIÓN EDUCATIVA, 1986, p. 7-8.

confronto com fatos da Bíblia, princípio este muito presente no método ver-julgar-agir e na metodologia de estudo bíblico das Comunidades Eclesiais de Base e de teólogos como Carlos Mesters<sup>67</sup>, no Brasil, ou Javier Saravia<sup>68</sup>, no México. Carlos Mesters parte da leitura de um texto da vida, confrontando-o com a leitura de um texto da Bíblia. Mais recentemente, nos *Círculos Bíblicos*, não usa mais estas expressões clássicas, mas mantém o mesmo princípio metodológico, propondo os seguintes passos: “refletir sobre a vida, ouvir a Palavra de Deus, descobrir a Palavra de Deus na vida, oração e compromisso”.<sup>69</sup> Javier Saravia refere os seguintes passos metodológicos para o estudo bíblico: “desde a vida; por Jesus; ao povo; até chegar ao Reino”, não esquecendo a celebração. Este momento ou passo da celebração está presente em muitos materiais de Educação Cristã da IECLB e de outras Igrejas na América Latina em que se segue a metodologia ver-julgar-agir-celebrar.<sup>70</sup> O referido modelo da Teologia Narrativa ou Testemunhal tem uma relação estreita com o tema da presente dissertação em que se fundamenta e se desenvolve a narração de histórias na perspectiva da criança, enfatizando seu papel fundamental no processo contextualizado de ensino-aprendizagem na fé. Entende-se, porém, não ser salutar na abordagem do tema limitar-se exclusivamente a este modelo teológico, desconsiderando, por exemplo, outras ênfases e dimensões, presentes nos demais modelos teológicos referidos acima ou apontados nos eixos e desafios a seguir.

Nancy Cardoso Pereira e Zeni de Lima Soares, autoras das revistas *Bem-te-vi*<sup>71</sup>, material para Escola Dominical da Igreja Metodista, são duas teólogas pioneiras na releitura bíblica na perspectiva da criança no Brasil e na América Latina. No artigo

intitulado “Bíblia y educación: perdidos y hallados”,<sup>72</sup> Nancy Cardoso Pereira apresenta quatro eixos e desafios para a releitura bíblica, a saber: leitura ecumênica, leitura popular, leitura plural e leitura orante.

Quanto à leitura ecumênica, Nancy Cardoso Pereira escreve:

En la lectura ecuménica de la Biblia la fidelidad no es confessional, mas es una fidelidad con el proyecto común de sociedad y con una espiritualidad que se pregunta por la vida, por el oikos. [...] Solamente una lectura ecuménica garantiza la memoria bíblica legitimada para el diálogo y la solidaridad con otras tradiciones y experiencias de Dios.<sup>73</sup>

Segundo a referida autora, na leitura popular está presente o desafio de uma leitura que assuma sua pertença social, isto é, que abra mão de uma pretensa neutralidade do texto bíblico, assumindo-o como memória dos pobres. O desafio é construir a leitura bíblica a partir de seus participantes.<sup>74</sup>

Quanto ao eixo da leitura plural, a referida autora destaca:

Es preciso aprender a pensar en términos de sujetos populares, enfatizando el plural aquí como señal de las muchas voces presentes en el texto y la lectura. Las relaciones sociales de género y raza se vienen imponiendo en la reflexión y en la praxis de quien ya consideraba de modo prioritario en la tarea hermenéutica las relaciones de clase. [...] Al contrario de fragmentar la lectura, la pluralidad significa rescatar la memoria y las luchas en su integralidad y de modo orgánico. [...] En la educación, tal desafío tiene implicaciones diversas y la exigencia de abandonar el monocromismo seguro de la lectura oficial, para aventurarse en las muchas voces...<sup>75</sup>

<sup>67</sup> MESTERS, Carlos. As parábolas. Ser aluno das flores. *Círculos Bíblicos*, Petrópolis, n. 7, p. 3-16, 1974.

<sup>68</sup> SARAIVIA, Javier. El camino de las parábolas. *Série Pastoral*. México, 1989, p. 1ss.

<sup>69</sup> MESTERS, Carlos. Entre nós está e não o conhecemos. *Círculos Bíblicos*, Petrópolis, n. 7, s/p., 1974.

<sup>70</sup> CENTRO DE ELABORAÇÃO DE MATERIAL, Todo dia é dia de... *Auxílios para Educação Cristã*, São Leopoldo, v. 1, 1986.

<sup>71</sup> SOARES, Zeni de Lima; PEREIRA, Nancy Cardoso. Encontros com Jesus. *Bem-te-vi*. São Paulo, v. 67, n. 3, 1987.

<sup>72</sup> PEREIRA, Nancy Cardoso. Bíblia y educación: perdidos y hallados. *Cuadernos de estudio*, Guadalupe, n. 28, p. 19-27, 1992.

<sup>73</sup> PEREIRA, 1992, p. 25.

<sup>74</sup> PEREIRA, Nancy Cardoso, MESTERS, Carlos. A leitura popular da Bíblia. *A palavra na vida*. São Leopoldo: CEBI, n. 73, 1994.

<sup>75</sup> PEREIRA, MESTERS, 1994, p. 26s.

Outrossim, quanto ao eixo da leitura orante da Bíblia, Nancy Cardoso Pereira enfatiza:

[...] es una lectura mística, una lectura que expresa la espiritualidad de individuos y grupos, pastorales y movimientos que encontraron lo sagrado en las realidades de pobreza y lucha del pueblo pobre latinoamericano. Lo sagrado presente en lo inesperado y en lo 'todavía no' del Continente. La memoria de nuestra lucha en la memoria de la lucha del Pueblo de Dios. La Palabra de Dios, en el texto y en la vida exigen una sensibilidad y gestos nuevos. [...] El desafío mayor de expresión de una espiritualidad ecuménica, popular y plural en medio de tantas ofertas y manipulación de la mística del pueblo, está en mantener la dimensión de la oración como un espacio integrado con la reflexión y la acción. Al mismo tiempo, la lectura orante abre el espacio para la liturgia y la belleza de las palabras antiguas y nuevas, para los gestos proféticos y poéticos que, [...], son esenciales para hacer que el mismo Espíritu que sopló las memorias de los cuerpos de hombres y mujeres en la Biblia, sople también sobre nosotros.<sup>76</sup>

Outra contribuição a destacar nesta abordagem da releitura bíblica na Teologia Latino-americana, por ser de grande relevância para o tema em estudo, refere-se aos princípios hermenêuticos de J. Severino Croatto. O referido autor, empregando a proposta estruturalista, dá ênfase às contribuições das ciências da linguagem para a Hermenêutica Bíblica. Croatto explicita o processo hermenêutico a partir da Linguística, enfatizando a leitura como produção de sentido, o que, sem dúvida, tem grandes implicações também para a narração de histórias bíblicas.<sup>77</sup>

Segundo Croatto, acontecimento, texto bíblico e práxis se condicionam mutuamente:

A leitura dos textos bíblicos está circunscrita por dois momentos existenciais, ou seja, por dois pólos históricos. O texto está no meio. Isto já é uma maneira de valorizar a centralidade da Bíblia como texto, porém,

como texto alimentado em duas vertentes da vida.<sup>78</sup>

Croatto parte do princípio hermenêutico de que um acontecimento não se esgota em si mesmo e nem no texto que o descreve. Nisto se baseia no que Gadamer descreve e denomina como processo hermenêutico permanente, distinguindo entre evento fundante e história efectual e propondo a fusão de horizontes de texto e intérprete. Compreender, segundo Gadamer, é sempre um processo de fusão de horizontes<sup>79</sup> entre o acontecimento primeiro e o acontecimento atual. O sentido deste já está incluso naquele, verificando-se um acúmulo de sentido ao longo da cadeia de acontecimentos. Assim se explica por que determinados acontecimentos se tornam fundamentais a nível de práxis. É o que Croatto denomina de reserva de sentido a nível da compreensão.<sup>80</sup>

Croatto afirma que a exploração do sentido de um texto não se reduz à exegese. Não se 'sai' do texto (exegese), trazendo um sentido puro nele recolhido. Existe também uma práxis que indica o parâmetro de leitura. Ou seja, a partir de um horizonte vivencial novo que repercute significativamente na produção de sentido que é a leitura, 'entra-se' no texto ("eisegese"<sup>81</sup>) com perguntas que nem sempre são as de seu autor. Assim, Croatto afirma que a exegese é também eisegese e que "toda leitura é 'releitura' do sentido de um texto".<sup>82</sup>

Baseado em Ricoeur, Croatto atualiza para o contexto teológico latino-americano um enfoque estruturalista, defendendo a necessidade de a Hermenêutica se inserir no campo da Linguística e da Semiótica. Croatto parte do pressuposto de que os fenômenos da linguagem nos auxiliam a compreender o processo hermenêutico, resumindo

<sup>76</sup> PEREIRA, MESTERS, 1994, p. 27.

<sup>77</sup> KLEIN, Remí. *A leitura como produção de sentido: um estudo da proposta hermenêutica de J. Severino Croatto*. São Leopoldo: IEPG, 1993. (texto não publicado)

<sup>78</sup> CROATTO, J. Severino. *Hermenêutica bíblica: para uma teoria de leitura como produção de significado*. São Leopoldo/São Paulo: Sinodal/Paulinas, 1985, p. 9.

<sup>79</sup> GADAMER, Horst-Georg. *Verdad y método*. 3.ed. Salamanca: Sígueme, 1988, p. 370.

<sup>80</sup> CROATTO, J. Severino. *Êxodo: uma hermenêutica da liberdade*. São Paulo: Paulinas, 1981, p. 12.

<sup>81</sup> CROATTO, 1985, p. 59.

<sup>82</sup> CROATTO, 1985, p. 59.

da seguinte maneira este processo de abrir e fechar texto e sentido:

Substitui-se o horizonte finito do autor pela infinidade textual. O relato se abre novamente a uma polissemia, que não somente é potencial como ao nível da língua, mas potenciada por aquela rede de significado que é a obra. Por essa abertura do texto introduz-se o novo destinatário com seu próprio mundo.<sup>83</sup>

A partir da Semiótica, sabe-se que o sentido não é algo objetivo e palpável que está no texto em estado puro, de modo que o exegeta pudesse encontrá-lo com sua habilidade técnica e com seus recursos históricos e filológicos. Sabe-se que o sentido de um texto não coincide exatamente com a intenção do seu autor e que o leitor atual não repete simplesmente a leitura que foi feita pelos primeiros destinatários. Isto seria a redução do processo hermenêutico a um historicismo exegético e resultaria num atrofiamento da mensagem. Toda leitura ou narração é produção de um discurso e de um sentido, a partir de um texto. O texto se faz polissêmico, oportunizando uma produção inesgotável de sentido e uma recriação constante da mensagem.

Os métodos histórico-críticos da exegese bíblica nos ajudam a identificar um possível referente e recuperar o 'atrás' do texto, ou seja, a situação que o originou como primeira produção de sentido. Não se pode, porém, permanecer na leitura 'histórica' dos textos, embora ela seja igualmente importante, mas ela reduz o sentido à sua primeira produção, em sua primeira referência, privilegiando demasiadamente o referente em detrimento do significado do próprio texto. O referente histórico de um texto representa um fechamento de sentido. Em contraposição, o texto é aberto e polissêmico, pois seus significantes e significados geram sentido. Os textos, enquanto polissemia literária codificada, remetem mais para o 'adiante' do que para o 'atrás'. Não levam simplesmente a uma mera repetição do primeiro sentido, mas abrem para uma manifestação de um excesso de sentido: "A interpretação é um processo em cadeia, não

repetitivo, mas ascendente. Há uma reserva de sentido sempre explorada e nunca esgotada."<sup>84</sup>

Na prática narrativa, as histórias bíblicas adquirem surpreendentemente um sentido próprio e diverso para as crianças. Por exemplo, na narrativa da multiplicação dos pães, o que mais sensibilizou uma moça paraplégica foi "o cuidado que Jesus teve com os restos".<sup>85</sup> Nisto se evidenciam a reserva de sentido e o excesso de sentido contidos nesta narrativa! Ao realizar o referido milagre e ordenar que seus discípulos recolhessem os 'restos', teria Jesus pensado nas pessoas portadoras de deficiência, que tantas vezes se sentem como 'restos' em nossa sociedade? A mesma indagação vale para os primeiros interlocutores de Jesus, seus primeiros ouvintes e os evangelistas: Teriam eles pensado nessa dimensão ao presenciarem o milagre ou ao redigirem os relatos bíblicos? Vale também para quem hoje relê ou reconta esse texto bíblico para as crianças: Tem-se em mente exatamente o sentido que cada leitor ou ouvinte capta para si? Não existe uma só leitura sempre e para todos! Só assim o texto deixa de ser simples 'letra' e se torna mensagem sempre renovada, contextualizada e atualizada!

Numa pesquisa feita com professores de Ensino Religioso sobre lembranças marcantes da sua infância e da sua prática educativa relacionadas a histórias bíblicas, evidenciou-se também a reserva de sentido e a dimensão do 'adiante' contidas nessas lembranças. Para ilustrar isso, transcreve-se os argumentos apresentados por duas pessoas entrevistadas, referindo-se à história do nascimento de Jesus, que foi a mais marcante na sua infância. Um argumento: "O nascimento de Jesus relacionado com a gravidez de minha mãe. Marcou-me o local do nascimento e a forma como foi contada e encenada a história". Outro argumento: "Associei o nascimento do Filho de Deus ao nascimento de cada um de meus sete irmãos e dos irmãos de meus amiguinhos".<sup>86</sup> Não seria esta uma

<sup>84</sup> CROATTO, 1985, p. 31.

<sup>85</sup> GRUEN, Wolfgang. *A Bíblia na escola*. São Paulo: Paulinas, s.d, p. 19.

<sup>86</sup> KLEIN, Remí. *O desenvolvimento da criança: lembranças marcantes da nossa infância e da nossa prática educativa*. São Leopoldo: IEPG, 1993. (texto não publicado).

<sup>83</sup> CROATTO, 1985, p. 21.

dimensão própria e profunda do sentido do Evangelho como ‘boa nova’? Esta busca e valorização da reserva de sentido na leitura e na narração de histórias bíblicas com crianças é uma possibilidade e um desafio para a Educação Cristã.

### Reler nas linhas e entrelinhas

Lendo os textos bíblicos, percebe-se claramente que eles foram escritos por adultos e, em sua grande maioria, por homens. Eles trazem, portanto, essencialmente uma perspectiva adulta e androcêntrica. Neste sentido, o desafio que se coloca é reler estes textos, nas suas linhas e entrelinhas, e narrar estas histórias na perspectiva das crianças. Traz-se, a seguir, algumas pistas de como isto pode ser feito.

No final do relato da multiplicação dos pães, em Mateus 14. 21, lê-se: “E os que comeram foram cerca de cinco mil homens, além de mulheres e crianças”. Como uma criança se sentirá, se esta história se for narrada literalmente tal como ela está relatada na Bíblia? É preciso reler os textos a partir da ótica da criança e encontrar ‘ganchos’ na história que a aproximem dela. Vendo o texto paralelo de João 6. 1-15, aparece ali um rapaz com cinco pães e dois peixinhos, os quais Jesus toma e distribui entre a numerosa multidão, fartando a todos e ainda ordenando que se recolhesse os pedaços que sobraram. Não estaria aí um ‘gancho’ para trazer a história para mais perto da criança, numa perspectiva e numa linguagem mais próprias e inclusivas?

Para exemplificar esta perspectiva androcêntrica e adulta dos relatos bíblicos mencione-se ainda Gênesis 12 a 25. Este bloco de capítulos é comumente conhecido como “As histórias de Abraão”. Esta é uma visão unilateral, apresentada essencialmente sob a ótica do adulto (homem, patrão, marido, pai...). Elas não são, porém, histórias só de Abraão, mas também de Sara e de Hagar, de Isaque e de Ismael e de tantos personagens mais.<sup>87</sup>

<sup>87</sup> Sobre a releitura bíblica de Gênesis 12 a 25 há dois livros da autoria de SCHWANTES, Milton. *A família de Sara e Abraão: texto e contexto de Gênesis 12 a 25*. Petrópolis:

O mesmo acontece com outras histórias da Bíblia. Geralmente são destacados os grandes heróis adultos, como, por exemplo, Moisés. Segundo Janusz Korczak<sup>88</sup>, a criança Moisés ajuda melhor a entender a opressão sofrida pelo povo hebreu no Egito do que o Moisés adulto e legislador. Portanto, as histórias das parteiras que defendem a vida das crianças recém nascidas (Êxodo 1.15-20) e do nascimento de Moisés (Êxodo 2.1-10) são plenas de conteúdo e próximas ao mundo das crianças. Para intensificar mais ainda a perspectiva, sugere-se, inclusive, narrar estas histórias a partir da menina Miriã, a irmã de Moisés, que acompanhou de perto todo o desenrolar dos fatos. Desta maneira, não haveria um narrador distante, com um texto na terceira pessoa, mas a história seria apresentada na perspectiva de uma criança que é personagem, sendo narrada na primeira pessoa e tornando-se, assim, mais direta e mais existencial.

Em muitos textos bíblicos aparecem personagens infantis e, assim, tais histórias podem ser facilmente narradas na perspectiva da criança, o que se vê, por exemplo, no livreto intitulado *Menina, levanta-te!*<sup>89</sup>, que contém treze narrativas bíblicas reescritas na perspectiva das meninas. Consta no referido prefácio:

Apesar de falar de mulheres, e talvez até bem por isso, o livro não se destina apenas a meninas. Ao contrário, pretende também ajudar os meninos a se solidarizarem com as meninas na sua luta por direitos iguais. Seria

Vozes, 1996; SCHWANTES, Milton. *Dize que és minha irmã: meditações sobre alguns temas de Gênesis 12 a 25*. Belo Horizonte: CEBI, 1987. A referida releitura é peculiar, assumindo a sua exegese e a sua hermenêutica um caráter essencialmente narrativo, de resgatar e de recontar a história na perspectiva dos sujeitos marginalizados. Como exercício de releitura bíblica destas histórias na perspectiva da criança, ver também DEPARTAMENTO DE CATEQUÊSE DA IECLB. *Crianças na Bíblia*. São Leopoldo: Sinodal, 1993. O referido livro traz cinco roteiros de estudo e textos de reflexão sobre estas e outras histórias bíblicas na perspectiva das crianças.

<sup>88</sup> KORCZAK, Janusz. *Die Kinder der Bibel*. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus Gerd Mohn, 1982.

<sup>89</sup> DREHER, Carlos A., WACHS, Manfredo C., KLEIN, Remí. *Menina, levanta-te!* São Leopoldo: CEBI-SUL, s.d.

uma pena, se os meninos não dessem ao menos uma olhadinha nestas histórias.<sup>90</sup>

Há outros ‘ganchos’ nos relatos bíblicos que aproximam os mesmos das crianças como, por exemplo, os personagens animais. Se uma pomba falasse, como ela contaria a história do dilúvio (Gênesis 6 a 9)? Se o burrinho falasse, como ele contaria as histórias do nascimento de Jesus e da fuga para o Egito (Mateus 1 e 2 e Lucas 2) ou da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém (Mateus 21)? Ou, se uma baleia falasse, como ela contaria a história de Jonas (Jonas 1 a 4)?

Outro ponto a destacar refere-se à linguagem inclusiva, tão rara nos relatos bíblicos e também na prática narrativa com crianças. Um texto a destacar, neste sentido, é a profecia de Zacarias 8.1-8. Nos versículos 4 e 5 lemos: “Ainda nas praças de Jerusalém sentar-se-ão velhos e velhas, levando cada um na mão o seu arrimo, por causa da muita idade. As praças da cidade se encherão de meninos e meninas, que nelas brincarão”. O texto refere a valorização e o encontro das diferenças, seja de gênero, de idade ou outras mais. Além disso, surpreende neste texto qual é o lugar central para onde aponta a profecia acerca da nova Jerusalém, da Sião restaurada, da cidade santa. Não é o templo e nem o palácio, não é a casa e nem a vinha, mas a praça. E isto adquire um significado mais especial ainda quando se descobre que esta profecia foi concebida no exílio, longe da pátria e em cativeiro. Aí o sonho por uma vida livre certamente adquiriu um sentido mais especial ainda para aquele povo, certamente para todos, não só para velhos e velhas, para meninos e meninas! Assim, pela valorização e pelo encontro lúdico das gerações e das diferenças, este texto desafia a exercitar a releitura bíblica na perspectiva da criança, seja nas linhas ou nas entrelinhas dos relatos. Desafia também a ensaiar uma linguagem inclusiva na prática narrativa e educativa em geral.

---

<sup>90</sup> DHEHER, WACHS, KLEIN, s.d., p. 2.